



O centenário de Paulo Freire no Twitter: memória e significados¹

Richard Romancini²

Ariane Lazarini³

Andressa da Cruz Caprecci⁴

Como o educador brasileiro Paulo Freire foi referido em postagens no Twitter (atualmente X), durante a semana do centenário de seu nascimento, em 2021? A resposta a essa pergunta articula-se, neste artigo, à discussão sobre o papel da mídia na elaboração de memórias sociais. A análise do material de pesquisa evidencia como antagonismos políticos da sociedade se refletem nas publicações da plataforma analisadas, inviabilizando a constituição de uma memória coletiva comum sobre Freire no Brasil. Verifica-se, assim, que, ao lado de postagens que comemoram a efeméride e destacam o valor positivo das ideias freirianas (66,3%), há um percentual significativo de comentários críticos (32,2%), nos quais ele é invocado como um dos causadores dos problemas educacionais brasileiros.

Palavras-chave: Paulo Freire; memória; memória coletiva; mídia social; Twitter.

Introdução

Paulo Freire (1921-1997) tem uma trajetória intelectual que o credencia como um dos maiores intelectuais da área educacional no século XX. A universalidade da relação opressor-oprimido, central na pedagogia freiriana, explica a difusão global de suas ideias (Gadotti, 2017). No Brasil, a importância de Freire foi reconhecida pelo título de *patrono da educação brasileira*, outorgado pela Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012.

Todavia, ainda em vida, ele sofreu críticas e perseguições por parte de conservadores, que o forçaram ao exílio no Chile em 1964. As restrições se renovaram no Brasil desde 2010 (cf. Godoi; Dimitrov, 2022), a partir do surgimento de uma militância

¹ O conjunto de dados de apoio aos resultados deste artigo não está disponível ao público. Isso ocorre para atender às políticas de uso de dados da plataforma estudada e para preservar a privacidade dos usuários que não são personalidades públicas.

² Professor Doutor. Departamento de Comunicações e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). São Paulo (SP), Brasil. E-mail: richardromancini@usp.br

³ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) (2025). São Paulo (SP), Brasil. E-mail: ariane.lazarini@usp.br

⁴ Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) (2022). São Paulo (SP), Brasil. E-mail: andressacaprecci@gmail.com

política, nas redes digitais e nas ruas, que apoiou a eleição de um presidente de extrema direita em 2018. A emergente “nova direita”, bem como sua vertente populista, busca fomentar um imaginário reacionário para desafiar a hegemonia cultural da esquerda e dos intelectuais progressistas que valorizam o engajamento crítico com o mundo conforme a proposta pedagógica freiriana (Fiori; Arantes, 2023). Paulo Freire é associado a diferentes ameaças à sociedade brasileira, como o marxismo cultural e a doutrinação escolar (Romancini, 2018) que conduziriam a juventude ao comunismo. Os grupos de direita promovem um ideal político e comunicativo que é oposto à visão de comunicação libertadora, crítica e participativa defendida pelo educador (Beck; Santos, 2022; Waisbord, 2020).

Nos últimos anos, em espaços e enquadramentos diversos, o nome de Paulo Freire é invocado. Se de um lado, ele é xingado de “energúmeno, ídolo de esquerda”, por Jair Bolsonaro, durante uma cerimônia presidencial, em 2019 (Ferreira; Aveiro, 2021); de outro, ele é citado em discursos políticos em casas legislativas e em justificativas de projetos de lei (Godoi; Dimitrov, 2022). Freire tanto é louvado (Alves, 2017) quanto criticado (Felinto, 2023) em obras audiovisuais. Seu legado é foco de debates na imprensa e em ambientes digitais (Busón Buesa, 2020). A figura de Paulo Freire é, assim, colocada no epicentro de uma *guerra cultural*, polarizando opiniões. Em conflitos dessa natureza, o que se disputa são os significados culturais e mnemônicos de eventos ou personagens (Richardson-Little; Merrill; Arlaud, 2022).

Nesse contexto, vamos observar e discutir como, em 2021, ano do centenário de nascimento de Freire, o educador foi mencionado em postagens na plataforma de mídia social Twitter, renomeado como X a partir de sua compra em 2022 pelo bilionário Elon Musk. Desse modo, a questão central de pesquisa é: *como se deu a construção da memória de Paulo Freire no Twitter, em um contexto polarizado, durante a efeméride do centenário desse educador?*

A partir dessa questão, o artigo tem como objetivos: 1) discutir o papel da mídia, particularmente a digital, e das plataformas on-line na constituição da memória social; 2) analisar as postagens no Twitter que se referem a Paulo Freire, para perceber os significados e as memórias elaboradas e 3) relacionar os achados analíticos às discussões sobre o educador, feitas em contexto mais amplo. A estrutura do artigo corresponde a esses objetivos: a parte teórica discute relações entre mídia, plataformas digitais e memória, destacando ainda pesquisas de tema conexo. A seção metodológica descreve os procedimentos de coleta de dados, de investigação dos tuítes e hipóteses, antecedendo as análises e discussões.

As justificativas para este estudo são tanto temáticas — sendo importante compreender como Paulo Freire é percebido na sociedade e como sua memória é elaborada atualmente — quanto acadêmicas, pois o artigo busca contribuir para o entendimento da articulação entre mídia e memória.

Mídia, plataformas digitais e memória coletiva

A memória cultural é dependente da mídia, pois os discursos precisam ser externalizados para se tornarem memória (ErlI, 2008); para que uma memória se torne coletiva, ela precisa ser mediada, possibilitando a elaboração de lembranças compartilhadas socialmente (Neiger, 2020). As sociedades utilizam *tecnologias da memória* (escritas, imagéticas etc.) (Olick, 1999), como forma de registro, armazenamento e disseminação de informações. Ao mesmo tempo, a noção de mídia como o conjunto de entidades que produzem e veiculam mensagens remete a outras dimensões do relacionamento entre mídia e memória. A ideia de “memória midiaticizada” (*mediatised memory*) (O’Connor, 2022) destaca o fato de que, sendo um conceito abstrato, a memória social precisa de materializações. Tradicionalmente, isso era feito por museus, monumentos e currículos, mas, nas sociedades contemporâneas, os diferentes produtos midiáticos (filmes, documentários, notícias etc.) tornaram-se o principal meio para dar forma à memória (Neiger, 2020).

Os meios de comunicação são suportes para a lembrança e o esquecimento coletivos e, por isso, muitos estudiosos analisam as relações entre a mídia e a percepção social do passado (Wasilewski, 2019). Nesse sentido, a função da mídia como criadora de conteúdo, que realiza escolhas enfatizando certos eventos e personalidades em detrimento de outros, se vincula ao conceito de *memória coletiva*, sobretudo quando se volta para aspectos históricos. O termo mencionado remete à clássica discussão de Halbwachs (1990), em obra originalmente publicada em 1950, segundo a qual a memória ultrapassa as subjetividades individuais, em um processo social no qual as pessoas adquirem memórias na sociedade e as relembra nesse âmbito.

A discussão acadêmica sobre a memória coletiva, como nota Neiger (2020), produziu diferentes perspectivas sobre esse conceito. Ainda assim, essas visões compartilham a premissa de sua importância para que qualquer comunidade social consolide sua identidade, por meio da elaboração de uma versão comum do passado, na qual os membros apresentam uma interpretação mútua de eventos e processos passados.

Entretanto, as novas mídias digitais têm fragmentado as audiências e reduzido a capacidade dos meios para produzir memórias compartilhadas pela maioria das pessoas. A mudança nas tecnologias de comunicação diminuiu a capacidade da mídia de elaborar significados integrativos. “O público de mídia da memória coletiva (como o do pouso lunar televisionado em 1969) transmutou-se em vários papéis: espectadores, telespectadores, usuários, consumidores, *prosumers*, fãs e agora criativos digitais, com ferramentas de produção de mídia à sua disposição” (Garde-Hansen, 2011, p. 65, tradução nossa). Hoskins (2011), nessa perspectiva, defende que a mídia digital e suas práticas sociais provocam alterações no modo como a memória se elabora, em nível individual e social. O elemento central disso seria a “conectividade por meio da mídia e da comunicação digitais que não só se torna determinante central do que é abordado e se torna ‘memória’ e do que é

esquecido, mas também molda o próprio caráter e a qualidade da memória” (Hoskins, 2011, p. 287, tradução nossa).

Diante de tais questões, a cultura digital provoca mudanças na memória e na experiência humanas, no que alguns percebem como uma ameaça à agência humana na criação e remixagem da memória individual e coletiva. Isso decorre não apenas do aumento exponencial de materiais e de arquivos digitais, como também da emergência de uma série de questões críticas, como o enviesamento, exemplificado pelo fenômeno das fake news, ou a adulteração, com imagens manipuladas ou *deepfakes*, das fontes de memória. O desenvolvimento da IA generativa amplia o risco de que as imagens de um “passado que nunca existiu” (Hoskins, 2024) tomem o lugar de materialidades reais na construção da memória e da história.

Conforme essa discussão indica, a produção de conteúdo, o debate social mediado pelas tecnologias e o próprio trabalho de memória envolvendo as práticas digitais são realizados cada vez mais por meio das plataformas on-line. Noções em voga, como as de “plataformização” ou “sociedade de plataforma”, ressaltam a importância assumida por elas. O último termo caracteriza, de acordo com Van Dijck, Poell e De Waal (2018, p. 4, tradução nossa), “uma sociedade em que o trânsito social e econômico é cada vez mais canalizado por um ecossistema global de plataformas on-line (predominantemente comercial) que é impulsionado por algoritmos e alimentado por dados”. Para os autores citados, as plataformas não devem ser entendidas apenas como uma nova forma de mídia nem como meras ferramentas para a realização de atividades on-line, pois seu papel é bem mais amplo. Elas são, na verdade, infraestruturas digitais que reconfiguram a organização social, econômica e política da sociedade. Algumas, como o Instagram, o Facebook e o X, se caracterizam por forte relação com as mídias, reproduzindo conteúdos oriundos de veículos jornalísticos e de comunicação tradicionais ou mesmo sendo um canal para eles. No entanto, a característica específica das plataformas é a capacidade de organizar as interações dos agentes que as utilizam, atuando como meios de intermediação conectiva.

O ecossistema de plataformas é liderado principalmente por um pequeno grupo de grandes empresas de tecnologia (Alphabet-Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft), as *big techs*. Essas corporações adotam o termo “plataforma”, por sugerir que os serviços oferecidos são “neutros”, sendo que a responsabilidade legal pelos conteúdos publicados num espaço supostamente “livre” é dos usuários (Gillespie, 2010). Essa ideia é enganosa, porém, já que as arquiteturas, os modelos de negócio e as estruturas de regulação interna de cada plataforma são escolhas, marcadas por valores ideológicos, feitas pelas empresas, a que usuários estão submetidos (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018). Aquilo que ganha maior ou menor visibilidade numa plataforma, por exemplo, depende de algoritmos relacionados a esse aspecto, opacos ao público, e associados aos objetivos comerciais ou de outra natureza do serviço.

O Twitter (atual X) foi criado em 2006 por uma pequena empresa. Ele se tornou uma marca global de sucesso, ao estimular interações e debates públicos, destacando-se no conjunto de plataformas digitais de publicação. A proposta inicial era ser um serviço de atualização de status por mensagens curtas. De fato, no início os textos das postagens eram limitados a 140 caracteres (aumentando para 280 caracteres em 2017). A pioneira adoção de hashtags, pouco tempo depois, para coordenar as conversações, dando forma a “públicos ad hoc” (Bruns; Burgess, 2015), bem como outras inovações (como o compartilhamento de mensagens alheias, pelos retuïtes, uso de links e transmissões em vídeo), deram popularidade à plataforma, inclusive entre pesquisadores acadêmicos e de mercado. Ela se tornou um espaço digital relevante de circulação de notícias em tempo real, debates públicos e ativismo, sendo adotada por jornalistas, políticos, celebridades, instituições e pessoas comuns.

Em outubro de 2022, Elon Musk finalizou o processo de compra da plataforma, promovendo mudanças em vários aspectos do serviço, com a preocupação de torná-lo rentável, como a flexibilização em regras de verificação e moderação de conteúdo, bem como ênfase nas assinaturas e na “liberdade de expressão”, além da alteração no nome para X. É possível que os posicionamentos políticos do bilionário, para além de suas preocupações comerciais, tenham afetado a visibilidade de conteúdos, no entanto, isso deve ser tema de estudos. Ainda que os dados deste artigo (e também sua coleta) sejam de um período anterior a essa mudança, a clareza sobre as características e especificidades das plataformas é importante por parte de quem realiza um trabalho de memória a partir delas, bem como por quem investiga esse tipo de operação, como será exemplificado a seguir.

Assim, após essa discussão teórica, é válido observar como ela reverbera em alguns estudos empíricos. Nesse sentido, os artigos de Wasilewski (2019), Richardson-Little e Merrill (2020), Richardson-Little, Merrill e Arlaud (2022) e Birkner e Donk (2018) são discutidos. No primeiro caso, o autor conduz um estudo comparativo sobre como a mídia alternativa de extrema direita (o site *Breitbart News*) e um grande jornal (*The New York Times*) cobriram um evento controverso — a remoção de um monumento dedicado a um general do exército confederado, na cidade de Charlottesville, em 2017, e os protestos subsequentes —, apelando à memória coletiva e histórica do caso. A investigação confirmou a hipótese de que o meio de extrema direita cria uma “contramemória coletiva” que confronta a memória elaborada pelos meios de comunicação tradicionais. A primeira é excludente, ao contrário da segunda, que busca ser inclusiva e aceita pela maioria da sociedade, servindo como meio de construção da identidade. Esse estudo assinala um aspecto importante da produção da memória relacionada à mídia que é o enquadramento que novos (e radicalizados) meios podem utilizar ao abordar determinados assuntos.

Os demais artigos focam na mídia digital e na *conectividade* (Hoskins, 2011) propiciada por ela. O estudo de Richardson-Little e Merrill (2020) examina como o PEGIDA, movimento populista de extrema direita alemão, buscou se apropriar da memória da

oposição democrática da Alemanha Oriental de 1989, ressaltando como as características das plataformas afetaram essa ação, tendo em vista o teor comparado da análise, em duas plataformas: Facebook e Twitter. Desse modo, a tática se mostrou relativamente bem-sucedida no Facebook, no qual o uso de um grupo fechado contribuiu com sua organização, reforçando a identidade do movimento, que não sofria contraposições. Ao contrário, a análise empírica de tuítes mostrou que as reivindicações do grupo foram criticadas por usuários da rede social que expressaram opiniões contrárias ao PEGIDA e contestaram as alegações do movimento.

Richardson-Little, Merrill e Arlaud (2022) analisam as manifestações, entre os anos de 2006 e 2021, do partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD), na plataforma Twitter, sobre quatro eventos do passado da República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), como a queda do Muro de Berlim e a unificação alemã em 1991. O estudo compara a narrativa desse partido com a de outros, e observa que a maneira como o AfD instrumentaliza a memória parece influenciar a abordagem desses eventos por outros partidos.

A análise dos tuítes revela que o AfD busca se posicionar, durante a rememoração dos eventos, como herdeiro e defensor do orgulho nacional e do verdadeiro patriotismo alemão, utilizando as datas comemorativas “para lançar ataques polarizadores e personalizados a seus oponentes políticos” (Richardson-Little; Merrill; Arlaud, 2022, p. 1370, tradução nossa). Isso é favorecido pela plataforma, que possibilita marcar partidos ou indivíduos nos tuítes através das chamadas *@mentions*, ou criar hashtags críticas direcionadas a eles. Essa é a estratégia dos populistas de direita para construir a dicotomia entre o povo — com o qual o partido tenta se identificar — e a elite política. De modo significativo, o próximo estudo indica uma tendência similar.

Birkner e Donk (2018) investigam a polêmica em torno da proposta de mudança no nome de uma praça numa cidade alemã, à luz de descobertas históricas que associavam a figura homenageada — um ex-presidente da República de Weimar — à ascensão do nazismo. Com interesse nos tópicos e na qualidade do discurso produzido por uma esfera conservadora de contrapúblico, efetuam a análise de postagens de um grupo no Facebook. As perguntas que dirigiram o estudo são análogas às nossas: “quem domina o discurso histórico de visões controversas da história (neste caso particular) e com que objetivo [...]? Podemos identificar narrativas da mídia tradicional dominante nas discussões no Facebook? E quem luta contra quem nessas discussões?” (Birkner; Donk, 2018, p. 372, tradução nossa).

Os autores defendem, a partir de discussões teóricas, que a consciência histórica é sempre orientada ao presente e ao futuro, o que salienta a importância do caso. Entre os achados da pesquisa, destaca-se que, embora muitas pessoas tenham participado da discussão pública, os indivíduos com mais postagens eram pertencentes à elite política e cultural da cidade. Notou-se ainda que prevaleceu um tom argumentativo e respeitoso, sem mensagens de ódio ou fake news, ainda que algumas postagens tivessem teor

emocional e falta de civilidade. Os principais alvos de críticas foram os meios de comunicação tradicionais e os políticos, acusados de ignorarem o ponto de vista — derrotado — do grupo defensor da manutenção do nome do local.

Metodologia e questões exploratórias de pesquisa

Para a coleta dos tuítes sobre Paulo Freire, utilizou-se a ferramenta Twitter Downloader, em outubro de 2022⁵. Considerando que o centenário de nascimento ocorreu em 19 de setembro de 2021, decidiu-se coletar dados referentes a sete dias, a *Semana Paulo Freire*, ou seja, três dias antes e três depois da efeméride. Foram coletados tuítes com os termos: Paulo Freire, paulofreire100anos, paulofreirecentenario, paulofreire100aniversario, paulofreire100years, paulofreirecentenary e paulofreire100thbirthday. A estratégia permitiu recompor a discussão ocorrida na plataforma sobre o educador, de maneira similar ao estudo de públicos conectados por hashtags. A partir desse procedimento, foram obtidas 316.716 postagens, incluindo tuítes originais, menções e repostagens (os chamados retuítes ou RTs).

Os dados foram analisados quantitativamente, por meio de estatística descritiva — sendo as postagens categorizadas conforme sua posição favorável ou crítica em relação a Paulo Freire. A categorização ocorreu a partir de leitura individual de cada tuíte, assim, eles foram classificados quanto ao seu *valor* ou *viés*. Foram vistos como de *valor positivo* os tuítes em que Paulo Freire — bem como suas obras, debates, cursos, eventos e produtos relacionados a ele — era elogiado, defendido, divulgado ou citado de modo favorável. As postagens *negativas* foram as mensagens com críticas, acusações, insultos e associações pejorativas de maneira geral. Casos de tuítes em que “Paulo Freire” correspondia a homônimos ou nomes de espaços (escola, avenida etc.), bem como tuítes em que não havia clareza sobre a intencionalidade do emissor, foram categorizados como *neutros*.

A planilha com postagens, gerada pelo Twitter Downloader, foi processada pelo software Tableau (Tableau Software, 2024), para a elaboração de gráficos de distribuição temporal das postagens e dados sobre o número de perfis e tuítes. O programa Gephi (Bastian; Heymann; Jacomy, 2009) foi utilizado para produzir uma rede de interações, verificadas a partir dos retuítes e menções entre os perfis da discussão. Com o uso do programa AntConc (Anthony, 2023), foi feita a contagem de frequência de termos nos textos das postagens, permitindo a elaboração de nuvens de palavras e a contagem de frequência de perfis no *corpus*.

Por fim, a abordagem histórico-discursiva (Wodak, 2001) serviu como enquadramento analítico para um conjunto de tuítes selecionados pelo número significativo de compartilhamentos, refletindo tópicos importantes da discussão. A interpretação dos

⁵ O recurso, que ficava disponível on-line, permitia que pesquisadores coletassem postagens a partir de termos de busca. Depois que o Twitter foi adquirido por Elon Musk, essa ferramenta parou de funcionar. Na verdade, a plataforma é, agora, menos aberta à pesquisa científica.

dados, nesse caso, foi orientada pela teoria e por discussões prévias, preocupadas com o contexto social e cultural no qual o discurso foi produzido.

Dados de indivíduos que não são personalidades públicas (como políticos e comunicadores) foram anonimizados, embora utilizados em agregações quantitativas e descrições qualitativas, seguindo um procedimento ético recomendado por autores como Williams, Burnap e Sloan (2017).

Dito isso, a partir da questão de pesquisa exposta e das discussões teóricas, foram desenvolvidas as seguintes questões exploratórias de pesquisa:

QE1 – Como a polarização política brasileira se manifesta nas referências a Paulo Freire no Twitter no contexto do estudo?

QE2 – Quais grupos e instituições se envolveram com o tema, com que intensidade, e quais significados estiveram relacionados à construção da memória ligada ao educador durante o período em análise?

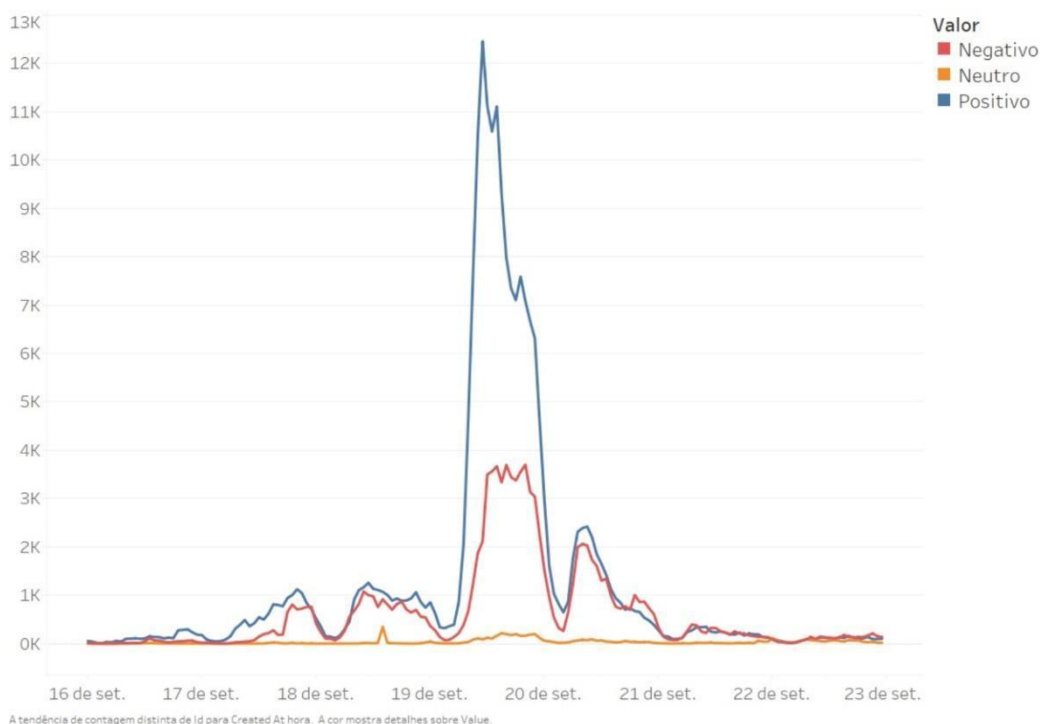
QE3 – Quais são as fontes midiáticas utilizadas pelos usuários para construir a memória de Freire e qual a relação disso com o posicionamento sobre o educador assumido por eles?

QE4 – Quais as características da argumentação sobre o valor de Paulo Freire e de suas ideias, nos tuítes favoráveis e contrários ao educador, bem como de maneira geral?

Análises

Conforme a categorização das postagens pelo seu viés, os tuítes positivos foram preponderantes: 209.135 (66,0% do total), seguidos pelos negativos, 102.035 (32,2%), e pelos neutros, 5.547 (1,8%). O padrão temporal (gráfico 1) destaca que quase sempre as postagens positivas foram maioria e que o auge da discussão ocorreu na noite da data do centenário.

Gráfico 1
Distribuição temporal dos tuítes sobre Paulo Freire na semana do centenário de seu nascimento (2021)



Fonte: Elaboração dos autores.

A tabela 1 mostra que as postagens em língua portuguesa predominaram, com 93,5% do total, produzidas na grande maioria por perfis brasileiros. Em segundo lugar, aparecem as postagens em espanhol, com 4,3%, seguidas pelo inglês, com 1,8%. A diversidade de idiomas dos tuítes reflete o alcance global das ideias de Freire. O aspecto mais notável, porém, é o expressivo número de tuítes críticos ao educador em português e originários do Brasil.

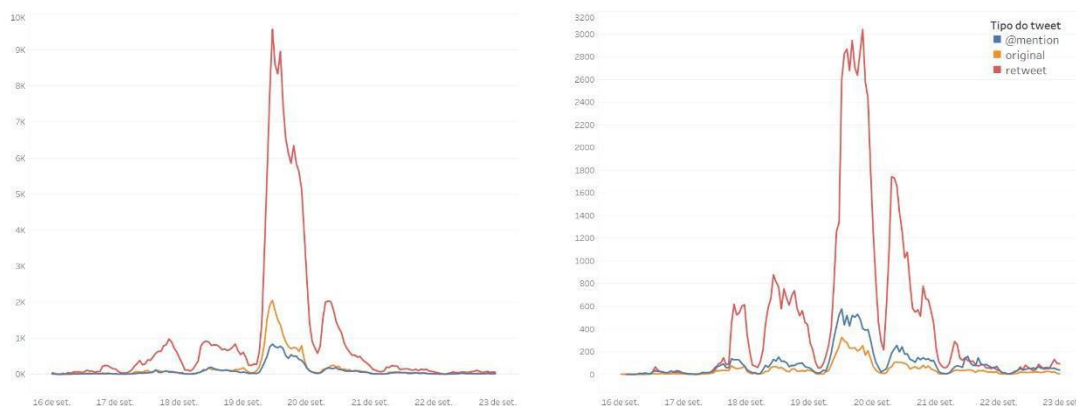
Tabela 1
Idiomas das postagens no Twitter relacionadas a Paulo Freire na semana do
centenário de seu nascimento (2021)

Valor/ Idioma	Positivo		Negativo		Neutro		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Português	189.203	63,9	101.948	34,4	5.109	1,7	296.260	100,0
Espanhol	13.551	99,5	48	0,4	17	0,1	13.616	100,0
Inglês	5.359	92,4	38	0,7	405	7,0	5.802	100,0
Catalão	467	99,8	0	0	1	0,2	468	100,0
Alemão	274	99,6	0	0	1	0,4	275	100,0
Italiano	119	98,4	1	0,8	1	0,8	121	100,0
Francês	76	98,7	0	0	1	1,3	77	100,0
Outros	86	87,8	0	0	12	12,2	98	100,0

Fonte: Elaboração dos autores.

Os tuítes originais e aqueles que possuíam menções a outros usuários foram minoria, representando, respectivamente, 39.691 (12,5%) e 32.659 (10,3%) postagens. Enquanto isso, os retuítes somaram 244.367 (77,2%). A proporção percentual de retuítes foi ligeiramente superior no grupo das postagens positivas com 79,2% (correspondendo a 165.706 publicações), em comparação com o grupo das mensagens negativas, com 76,2% (77.783 postagens). O gráfico 2, a seguir, mostra a distribuição temporal dessas postagens.

Gráfico 2
Distribuição temporal dos tuítes positivos (à esquerda) e negativos (à direita)
sobre Paulo Freire na semana do centenário de seu nascimento (2021)



Fonte: Elaboração dos autores.

A predominância dos retuítes mostra a existência de participantes mais relevantes. Assim, o número de contas, sejam elas de pessoas ou instituições, que participaram das postagens positivas foi de 88.145, enquanto das negativas, 35.599. Isso resulta em uma média de 2,4 tuítes por perfil para as favoráveis e de 2,9 para as negativas. Portanto, ainda que os perfis com mensagens contrárias a Freire tenham sido menos numerosos em termos absolutos, eles se mostraram mais ativos. Porém, foi entre os perfis que publicaram tuítes favoráveis ao autor que se encontraram contas com um grande volume de postagens (mais de 201 ou entre 101 e 200). De modo geral, como detalha a tabela 2, a seguir, a participação dos perfis que publicaram conteúdos se deu mais pela produção de apenas uma postagem.

Tabela 2
Número de postagens de perfis de conteúdo positivo e negativo sobre Paulo Freire na semana do centenário de seu nascimento (2021)

Valor e perfis/ Postagens	Positivo		Negativo		Total	
	N	%	N	%	N	%
Mais de 201	8	0,009	8	0,02	16	0,01
101 a 200	34	0,04	16	0,05	50	0,04
51 a 100	195	0,2	108	0,3	303	0,2
11 a 50	3.248	3,7	2.213	6,2	5.461	4,4
6 a 10	4.204	4,7	3.043	8,6	7.247	5,9
2 a 5	24.816	28,1	13.179	37,0	37.995	30,7
1	55.640	63,1	17.032	47,8	72.672	58,7
Total	88.145	100,0	35.599	100,0	123.744	100,0

Fonte: Elaboração dos autores.

A observação dos perfis que mais publicaram permite notar características centrais da discussão: o forte contorno político e o paralelismo entre o posicionamento ideológico e a avaliação sobre Freire. Além disso, as publicações foram feitas, majoritariamente, por perfis pessoais. Desse modo, dos vinte perfis que publicaram mais conteúdo positivo, 18 são de contas pessoais, sendo nove de homens e nove de mulheres. Nesse grupo, é comum a manifestação da identidade política de esquerda dos usuários, com autodefinições como “socialista” e “lulista”, além de imagens que remetem ao Partido dos Trabalhadores (PT) em seus perfis. Por não serem de pessoas públicas, as contas são anonimizadas neste artigo. Houve ainda nesse grupo uma conta institucional (da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)) e outra de um perfil que republica notícias de viés esquerdista (@odio_nao). Por outro lado, entre os vinte perfis com postagens negativas, é comum a autoidentificação com a direita, empregando termos como “patriota” e “bolsonarista”. Esse grupo é composto por onze homens e oito mulheres — todos indivíduos comuns — e uma conta de republicação de notícias com viés conservador (@PunkNewsBrasil).

Outro indicador do teor político-ideológico das publicações é a frequência de participações de perfis nas mensagens. Conforme mostra a tabela 3, observa-se que quatro políticos (perfis 3, 6, 8 e 9) figuram entre os que postaram mensagens positivas. Da mesma forma, no conjunto de tuítes negativos, outros quatro políticos (perfis 2, 4, 6 e 10) são destacados, além de dois perfis (1 e 7) de indivíduos que participaram do governo Bolsonaro.

Tabela 3
Perfis com maior frequência de participações nas postagens sobre Paulo Freire na semana do centenário de seu nascimento (2021)

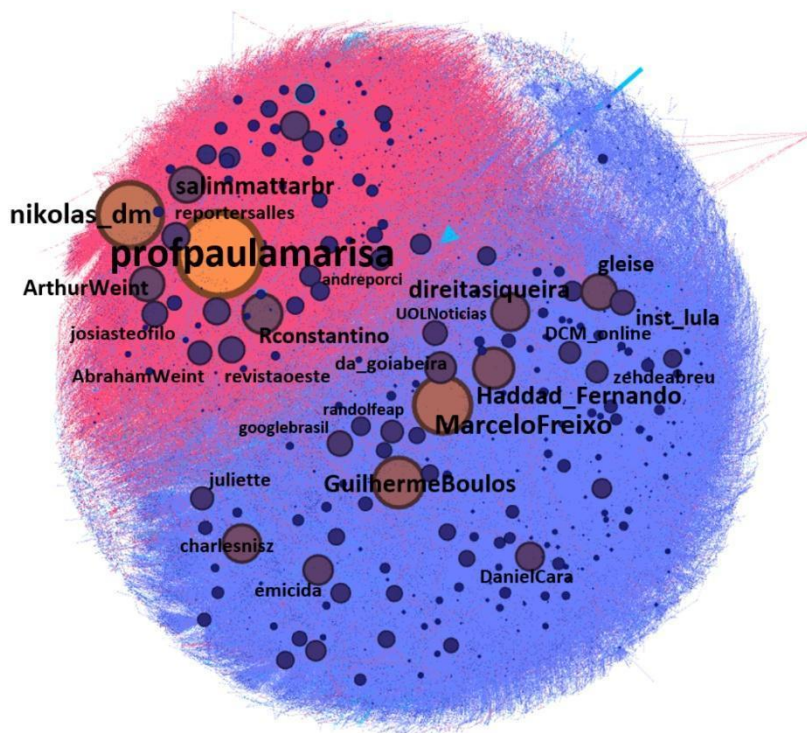
Positivo			Negativo		
Nº	Perfil	Frequência	Nº	Perfil	Frequência
1	<i>@salimmattarbr</i>	2.328	1	@salimmattarbr	2.296
2	@emicida	2.091	2	@nikolas_dm	1.809
3	<i>@nikolas_dm</i>	1.846	3	@profpaulamarisa	1.726
4	<i>@profpaulamarisa</i>	1.744	4	@carlazambelli	898
5	@direitasiqueira	1.380	5	@usuário1 (anonimizado)	753
6	@gleisi	1.248	6	@rmotta2	739
7	@danielcara	1.096	7	@andreporsi	557
8	<i>@carlazambelli</i>	972	8	@usuária2 (anonimizada)	548
9	@marcelofreixo	846	9	@sigagazetabr	506
10	@uolnoticias	832	10	@carmelonetobr	477

Fonte: Elaboração dos autores.

Na tabela 3, os perfis de indivíduos associados à direita são destacados em *itálico* na coluna das mensagens com visão positiva de Paulo Freire. Isso se deve ao fato de que os perfis favoráveis a Freire rebatiam críticas dessas pessoas ao educador. Entre esses indivíduos de direita estão o empresário bolsonarista Salim Mattar (@salimmattarbr), o atual deputado federal Nikolas Ferreira (@nikolas_dm), do Partido Liberal (PL), a ativista Paula Marisa (@profpaulamarisa) e a então deputada federal bolsonarista Carla Zambelli (@carlazambelli), também do PL. Todos tiveram também presença expressiva nas mensagens de caráter negativo. Os dois deputados mencionados são conhecidos pelo ativismo digital conservador e por se envolverem em embates contra políticos e causas de esquerda. Ferreira foi o deputado federal mais votado do Brasil em 2022. Zambelli também foi reeleita nesse ano, no entanto, perdeu o mandato e encontra-se detida na Itália, desde 2025, após condenações pela Justiça brasileira.

Entre os perfis que se destacaram nas mensagens positivas, encontram-se o rapper Emicida (@emicida), o perfil humorístico Direita Siqueira (@direitasiqueira), o educador Daniel Cara (@danielcara) e um canal de notícias de um grande veículo midiático digital (@uolnoticias). No espectro das mensagens negativas, um canal de notícias de menor envergadura, a *Gazeta Brasil* (@sigagazetabr), também figura entre os perfis mais mencionados. Este último veículo digital foi acusado de integrar uma rede de desinformação em prol de Bolsonaro (Maretti, 2022).

Figura 1
Rede de perfis no Twitter na Semana Paulo Freire (2021)



Fonte: Elaboração dos autores.

A polarização observada, com a citação de veículos tradicionais de mídia pelos apoiadores de Paulo Freire e de mídias partidarizadas de direita pelos seus críticos, foi recorrente, e pode ser notada também na figura 1. A distribuição espacial da rede, realizada com o algoritmo Force Atlas 2, dá forma gráfica à distinção dos perfis favoráveis e contrários a Freire pela proximidade entre eles, com os apoiadores associados às conexões azuis e os opositores às vermelhas. O tamanho dos perfis (nós) corresponde ao peso relativo das conexões (retuítes e menções) das postagens. Observa-se o perfil da revista de nicho conservador *Oeste* (@revistaeste) e o da jornalista Fernanda Salles (@reportersalles), que atua em pequenos veículos de direita, como a *Gazeta do Brasil*, posicionados no campo contrário ao educador. No favorável, identifica-se o perfil do *UOL Notícias* (@UOLNoticias), pertencente a um grande veículo de comunicação, e também o site de esquerda *Diário do Centro do Mundo* (@DCM_online). A discussão sobre alguns dos perfis mostrados na rede será aprofundada, ao analisarmos, adiante, as postagens com maior alcance.

A grande imprensa fez, em sua maioria, uma cobertura que recuperava a trajetória de Freire, destacando pontos positivos de seu pensamento. Por isso, os perfis que

apoiavam Freire frequentemente referenciavam seu material, bem como os documentários, programas e reportagens de televisão que o retrataram. Em contrapartida, os críticos acusavam a mídia tradicional de ter um viés esquerdista, recorrendo a veículos alternativos conservadores.

No entanto, não foi uma matéria da grande imprensa, mas sim um google doodle em homenagem ao centenário de nascimento de Paulo Freire (figura 2) que provocou um volume expressivo de postagens em ambos os grupos. Os apoiadores de Freire o compartilharam e comentaram com júbilo, como um atestado da importância e do legado da pedagogia do autor. Já para os críticos conservadores, o doodle de Freire serviu como uma prova do viés “globalista” e “esquerdista” da empresa.

Figura 2
Doodle dedicado a Paulo Freire no centenário de seu nascimento (2021)



Fonte: Google Doodles (2021).

Nas nuvens de palavras com termos mais frequentes nas postagens positivas e negativas (figura 3), observa-se que “Google” é o único termo diretamente relacionado a alguma mídia ou plataforma, devido às razões já expostas. As nuvens de palavras, com quarenta termos cada, possuem similaridades. No entanto, termos pejorativos associados a Freire, como “lixo”, “fracasso” e “bosta”, são encontrados apenas no grupo dos tuítes negativos, como era de se esperar. Citações a personagens históricos e políticos evidenciam também a diferença entre os grupos: “Bolsonaro” é bastante citado pelos apoiadores de Freire — que contrapõem os dois personagens, criticando o primeiro —, enquanto “Che Guevara”, “Jesus” e “Dilma” são mais usados pelos perfis das postagens negativas.

A dimensão temporal tem mais ênfase nos tuítes positivos, com o uso de termos como “hoje”, “centenário” e “história”. A discussão geral desse grupo tende a reafirmar um passado de práticas pedagógicas relevantes derivadas de Freire, cujo legado deve ter desdobramentos. Por um lado, essa perspectiva dialoga com as discussões que apontaram como o passado, ao ser evocado, conecta-se ao presente e ao futuro. Por outro lado, as postagens negativas negam a importância e o valor histórico do educador, em termos como “não” e “nunca”.

Figura 3

Nuvens de palavras com termos dos tuítes positivos (à esquerda) e negativos (à direita) relacionados a Paulo Freire no centenário de seu nascimento (2021)



Fonte: Elaboração dos autores.

Entre as dez postagens mais compartilhadas do grupo pró-Freire (tabela 4), destacam-se três políticos de esquerda: Fernando Haddad (@Haddad_Fernando), então sem mandato mas candidato à presidência pelo PT em 2018; o deputado federal Marcelo Freixo (@MarceloFreixo), à época pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), e o líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Guilherme Boulos (@GuilhermeBoulos), que não ocupava cargo público. A expressiva presença digital desses três políticos favoreceu a difusão de suas mensagens. Além deles, figuram postagens muito retuitadas de um jornalista (@charlesnysz), de um cientista social (@nadanovonofront), de dois perfis com pendor humorístico e de esquerda (@da_goiabeira e @direitasiqueira), de duas personalidades midiáticas, o músico Emicida (@emicida) e a vencedora da 21ª edição do *reality show* Big Brother Brasil, Juliette — cuja simpatia popular e coincidência do sobrenome com o do educador inspiraram várias mensagens de humor sugerindo um parentesco entre eles —, além da postagem do Google Brasil (@googlebrasil) sobre o doodle.

Tabela 4
Postagens de teor positivo mais retuitadas no centenário do nascimento de Paulo Freire (2021)

Nº	Perfil	Texto da Postagem	Data e Hora	RTs
1	@charlesniz	Maior homenagem que Paulo Freire poderia receber https://t.co/jzzQRYItYK	19/09 – 15h23	3.470
2	@Haddad_Fernando	Antes de elogiar ou criticar um autor, leia-o. Um ser humano extraordinário faria 100 anos hoje. É um clássico universal. Tente! Viva Paulo Freire!!	19/09 – 15h25	2.433
3	@MarceloFreixo	Quem admira TORTURADOR jamais compreenderá a grandeza do nosso maior PROFESSOR. VIVA PAULO FREIRE!	19/09 – 09h34	2.403
4	@emicida	Viva o professor Paulo Freire sempre, pois sem professor não se faz um país! E Foda se Bolsonaro, pois enquanto esse minúsculo tiver poder, a dignidade humana está ameaçada! https://t.co/wcCZ282Q7j	18/09 – 08h23	2.328
5	@juliette	"Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes" A educação é caminho. 100 anos Paulo Freire ♥.	19/09 – 14h30	2.277
6	@GuilhermeBoulos	100 anos do mestre. Viva Paulo Freire! https://t.co/KNY83hFBaJ	19/09 – 09h28	2.066
7	@da_goiabeira	Paulo Freire é odiado por aqueles que homenageiam Ustra. Termino aqui meu argumento.	19/09 – 10h57	1.591
8	@googlebrasil	Considerado um dos pensadores mais importantes na história da pedagogia mundial, Paulo Freire completaria 100 anos hoje. Defensor da educação libertadora, Freire é considerado o patrono da educação brasileira e sua obra é referenciada no mundo todo até hoje. · https://t.co/32Ieu48ri	19/09 – 10h00	1.524
9	@nadanovonofront	Os bolsonaristas odeiam Paulo Freire porque no dia em que o pensamento de Paulo Freire for aplicado de fato em toda a educação do país os bolsonaristas não se elegem nem pra vereador mais. O pensamento liberta, inclusive das fake news. Vida longa ao Paulo Freire.	19/09 – 10h56	1.375
10	@direitasiqueira	NÃO ENTENDO PORQUE A REPROVAÇÃO DO PRESIDENTE SÓ CRESCE... TUDO BEM QUE TEMOS QUASE 600.000 MORTOS DE COVID, A VOLTA DA FOME, DESEMPREGO RECORDE, INFLAÇÃO E COLAPSO ECONÔMICO... MAS PELO MENOS ESTAMOS COMBATENDO O MÉTODO PAULO FREIRE!!! ...	16/09 – 19h00	1.372

Fonte: Elaboração dos autores.

Sete postagens (dos perfis 1, 3, 4, 5, 7, 9 e 10) do grupo de mensagens positivas elaboram uma contraposição entre Paulo Freire e o campo da direita, especificamente ao bolsonarismo (“Quem admira TORTURADOR”, “aqueles que homenageiam Ustra”), em mais um indicador da politização do debate. A figura 4 mostra um tuíte de Marcelo Freixo com essa característica, na qual é possível ver uma das interações críticas que ele gerou, evidenciando o padrão comum de ataques pessoais, em casos desse tipo. A mensagem mais compartilhada desse grupo, também inserida na figura 4, traz à tona uma interação de Bolsonaro com uma pessoa, em um diálogo que faz alusão a um erro anteriormente cometido por ele em relação ao crescimento econômico brasileiro em 2019 e 2020 (Lima, 2021). Nesse sentido, a postagem degrada a imagem do ex-presidente ao ironizar sua rejeição a Freire, interpretada como uma “homenagem” ao educador. De maneira similar, a mensagem irônica do perfil 10 (Direita Siqueira), que defende Bolsonaro e critica Freire, utiliza indicadores negativos da gestão do ex-presidente.

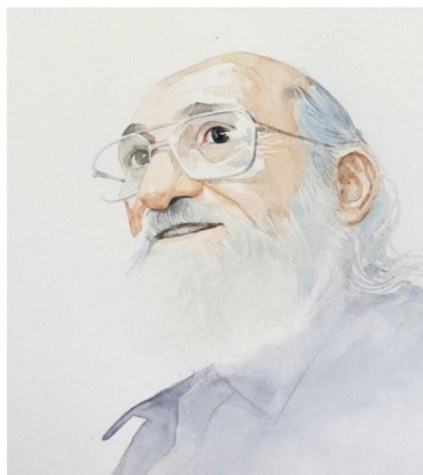
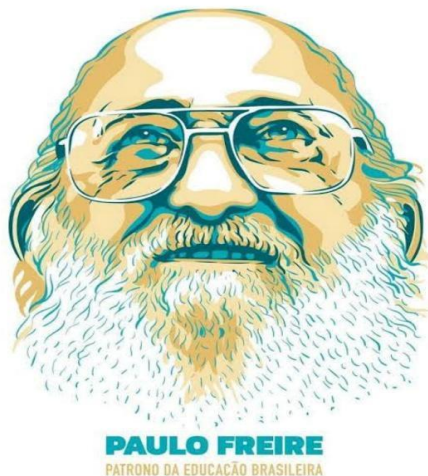
Figura 4

Tuítes de teor positivo a Paulo Freire no centenário de seu nascimento (2021)



Fonte: Perfil de Marcelo Freixo e Charles Nisz no Twitter, respectivamente.

Figura 5
Representações de Paulo Freire nas postagens de Guilherme Boulos (à esquerda) e Emicida (à direita) no centenário de seu nascimento (2021)



Fonte: Imagens dos artistas Chicoshiko (@derbyblue) e ex-tuiteiro Cris (@crisvector) reproduzidas das postagens.

Contrastando com a maioria, a postagem de Guilherme Boulos destaca-se por seu teor exclusivamente celebrativo, apresentando uma imagem de Freire que se alinha com muitas outras representações positivas do educador encontradas nos tuítes favoráveis. Esses retratos costumam mostrar Freire com uma expressão serena, em meio sorriso, e um olhar que parece vislumbrar algo distante, similar à imagem compartilhada por Emicida (figura 5).

Tal como acontece com as postagens positivas como um todo, os tuítes mais compartilhados desse tipo tendem a contrapor-se aos críticos de Paulo Freire, enaltecendo o educador, por meio de elogios a suas ideias. Frequentemente, essas postagens evocam fatos do passado — como o exílio de Freire ou seu período como secretário de Educação da cidade de São Paulo, entre 1989 e 1991 —, e podem se valer de materiais produzidos por veículos de comunicação tradicionais para reafirmar a memória, a atualidade e o potencial do pensamento de Freire.

No campo das postagens negativas, o tom é oposto. Quanto aos tuítes mais compartilhados, destaca-se o alinhamento dos autores com o bolsonarismo — ao menos na época — e a presença de discurso com tons extremistas. Esta última característica tem resultado em complicações com a Justiça brasileira para alguns. A ativista conservadora Paula Marisa e o deputado federal Nikolas Ferreira, por exemplo, viram suas contas em redes sociais serem bloqueadas pela Justiça em 2023, devido a publicações em apoio a atos golpistas (Luz, 2023). Ambos conseguiram, depois, recuperar o acesso a suas redes. O mesmo ocorreu com o comentarista de veículos de direita Rodrigo Constantino (@Rconstantino), que teve suas redes sociais suspensas, em

meio à investigação sobre a propagação de discurso de ódio e antidemocrático (Camiotto, 2023). Vale notar que a postagem desse indivíduo, reproduzida na figura 6, exemplifica a crítica ao doodle de Paulo Freire feita pelos conservadores. O empresário Salim Mattar, por sua vez, apagou sua conta no Twitter no final de 2022 (Cunha, 2022), possivelmente por receio de ações legais.

Tabela 5
Postagens de teor negativo mais retuitadas no centenário do nascimento de Paulo Freire (2021)

Nº	Perfil	Texto da postagem	Data e Hora	RTs
1	@profpaulamarisa	Duas verdades que nunca te contaram sobre Paulo Freire 1 -Ele NUNCA foi professor o único diploma que Paulo Freire tinha era de bacharel em direito 2 -Ele NUNCA alfabetizou uma criança, sua experiência em alfabetização foi de adultos no acampamento do MST	19/09 – 12h03	2.909
2	@nikolas_dm	Google homenageia Paulo Freire, mas ignora Jesus na Páscoa. Esse é o Tweet.	20/09 – 00h29	2.700
3	@nikolas_dm	A justiça está preocupada em proibir o governo de "atacar a dignidade" de Paulo Freire. E a dignidade de quem é vítima dessa pedagogia?	18/09 – 10h31	2.150
4	@ArthurWeint	Neste domingo de homenagem oligopolista ao paulo freire, trago uma mensagem a todes: VIVA OLAVO DE CARVALHO!	19/09 – 12h53	2.031
5	@Rconstantino	Paulo Freire era um bosta, e a esquerda adora premiar o fracasso. https://t.co/kvNAlysvic	19/09 – 18h25	1.949
6	@salimmattarbr (conta apagada)	Justiça ideologizada do Rio proíbe de se falar mal de gente da esquerda, tipo Paulo Freire que enviesou a educação brasileira mas falar mal de gente de direita, está completamente liberado. Parece que o direito de expressão é só para a esquerda!	18/09 – 07h32	1.464
7	@profpaulamarisa	A justiça determinou q a gente não pode mais dizer que Paulo Freire é um lixo?	17/09 – 17h42	1.428
8	@profpaulamarisa	Hoje é dia de mostrar como Paulo Freire é sim um lixo que idolatrava as figuras mais sórdidas como Che Guevara, Mao Tsé-Tung e Karl Marx.	19/09 – 11h59	1.425
9	@revistaoeste	Che Guevara é um exemplo de amor; a família é opressora: 10 ideias do escritor Paulo Freire https://t.co/NfpTUihv6H	19/09 – 19h34	1.411
10	@AbrahamWeint	Bilionários que controlam empresas gigantes/monopólios são de esquerda. Drogas, Paulo Freire, aborto, a destruição da SUA da família [sic], estão na agenda deles. NÃO É COINCIDÊNCIA! Nossa luta é contra isso! https://t.co/duVKYffUQm	19/09 – 10h21	1.380

Fonte: Elaboração dos autores.

O então ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub (@AbrahamWeint), publicou um dos tuítes negativos mais repostados (número 10). Isso não surpreende, considerando que a crítica a Paulo Freire já fazia parte do discurso de Bolsonaro e aliados desde sua campanha presidencial. O tuíte de Weintraub em questão fala de “empresas gigantes/monopólios”, remetendo ao doodle de Freire, e estabelece uma associação difamatória entre o educador e temas controversos como o aborto e as drogas. O irmão do ex-ministro (@ArthurWeint), que atuou como assessor de Bolsonaro, também criticou Freire. Ele utilizou o pronome neutro “todes” para ironizar os apoiadores do educador, ao mesmo tempo em que fazia uma comparação depreciativa entre Freire e o polemista ultraconservador Olavo de Carvalho. Esse contraste é comum entre os críticos conservadores.

A ativista Paula Marisa, com três mensagens (1, 7, 8) entre as mais compartilhadas do grupo com posicionamento negativo, emprega desinformações e linguagem ultrajante para atacar Freire. Na primeira, por exemplo, diz que a experiência de Freire com alfabetização foi com adultos no Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), uma afirmação falsa, dado que o surgimento do MST ocorreu décadas após o envolvimento de Freire em práticas desse tipo. A figura 6, além do tuíte de Rodrigo Constantino, mostra comentários à sétima postagem mais retuitada do grupo, de Paula Marisa, com perfis que apoiam e expandem a crítica feita ao educador. O papel de validação e reforço das opiniões veiculadas nos comentários dos tuítes representa uma dimensão da homofilia e emergência das chamadas “câmeras de eco” nos ambientes das plataformas digitais, em parte, devido a efeitos algorítmicos de suas estruturas (Barberá, 2020). Tais efeitos, porém, não são claros e transparentes e isso representa uma limitação de nossa pesquisa e de trabalhos similares.

Figura 6
Tuítes e comentários a postagens de teor negativo a Paulo Freire no centenário de seu nascimento (2021)



Fonte: Reprodução de postagens no Twitter.

A utilização de uma linguagem supostamente indignada também é feita por Nikolas Ferreira (postagens 2 e 3). A segunda postagem mais retuitada dele faz referência a uma decisão da Justiça que, atendendo demanda do Movimento Nacional de Direitos Humanos (MNDH), proibia o governo federal de realizar atos institucionais que atentassem contra a dignidade de Paulo Freire (Souza, 2021). A decisão não configurava, portanto, censura a qualquer indivíduo, uma interpretação equivocada que é compartilhada por postagens de Salim Mattar e de Paula Marisa (postagens 6 e 7).

A expressão "vítima dessa pedagogia" na postagem 3 de Ferreira reflete uma crítica recorrente observada no corpus: a ideia de que a educação brasileira tem problemas devido à influência de Paulo Freire, produzindo "vítimas". Para sustentar essa afirmação, são citadas reportagens sobre o desempenho medíocre de estudantes brasileiros em avaliações internacionais, como o PISA — uma das palavras-chave importantes do grupo negativo, como mostra a figura 3. Embora essas matérias, muitas veiculadas pela mídia tradicional, não mencionem Paulo Freire, os críticos não hesitam em estabelecer tal conexão. A estratégia de descontextualização de trechos das obras de Paulo Freire é outro método recorrente entre os críticos, observável tanto na postagem 8, de Paula Marisa, quanto na postagem 9, da revista *Oeste*, que foi o único veículo de mídia a figurar entre as dez postagens mais retuitadas.

Nota-se, em resumo, que a exposição de ideias que possam provocar ultraje, articuladas por meio de uma linguagem indignada, foi uma tática empregada com frequência nas mensagens contra Freire. Esse modo de expressão buscava negar a importância histórica e a memória do educador, provavelmente com o objetivo de despertar reações e chamar a atenção.

Discussão

Por meio das análises, é possível refletir sobre as questões propostas, discutindo-as a partir de dados e observações. A primeira questão, sobre como a polarização política nacional se reflete nos entendimentos sobre Paulo Freire no Twitter deve reconhecer, em primeiro lugar, que os dados demonstram uma divisão valorativa sobre o educador, com cerca de 35 mil perfis produzindo um terço dos tuítes com *teor negativo* em relação ao educador, num contexto — a efeméride do centenário — mais propício a homenagens a um intelectual que projeta o país internacionalmente. Quando se nota que apenas 0,4% das postagens em idiomas diferentes do português têm esse teor crítico, a “controvérsia Freire” como algo associado à polarização brasileira se torna mais evidente. As análises ressaltaram essa divisão, pelas características dos perfis envolvidos e pelo conteúdo das mensagens.

Nesse sentido, é possível dizer, em termos gerais, que a discórdia é mais relacionada aos posicionamentos políticos das pessoas que se manifestaram em postagens do que resultante de conhecimentos advindos do debate ocorrido no Twitter. Assim, a construção da memória social do educador, no contexto em estudo, é marcada pela disputa e parece ligada, sobretudo, a cristalizações de significados prévios sobre ele envolvendo posicionamentos políticos que são reforçados e amplificados no ambiente digital. Por um lado, esses aspectos são estimulados por mecanismos relacionados com a visibilidade algorítmica dos tuítes para os usuários na plataforma, sobretudo quando isso conduz à formação de comunidades de perfis e opiniões similares. É possível observar, por outro lado, algumas discussões entre indivíduos com opiniões divergentes sobre Paulo Freire, no entanto, e em geral, as interações desse tipo são pouco desenvolvidas e qualificadas, até pela questão intrínseca da limitação de caracteres por tuíte.

Ao nos voltarmos para a segunda questão, sobre os tipos de perfis envolvidos na discussão pública no ambiente digital, a tendência política também transparece, pois a verificação dos perfis das pessoas com mais postagens indicou isso. Adicionalmente, os tuítes com número mais expressivo de compartilhamentos também tiveram essa tendência, com algumas exceções relacionadas a pessoas/perfis voltados à arte, informação e entretenimento. De maneira geral, como no estudo de Birkner e Donk (2018), os tuítes de indivíduos ou instituições com maior projeção social tiveram mais visibilidade, a partir de retuítes.

A tendência de perfis associados ao campo de esquerda produzirem ou divulgarem conteúdos favoráveis ao educador e dos ligados à direita de criticá-lo foi constante e significativa. E, com respeito à terceira questão de pesquisa, os do primeiro grupo, geralmente, ao compartilhar conteúdo de outras mídias, recorreram a meios jornalísticos tradicionais para apoiar suas perspectivas favoráveis, enquanto os do segundo, a veículos alternativos conservadores. Desse ponto de vista, a observação de nosso caso é semelhante à do estudo de Wasilewski (2019). Um achado específico interessante, relacionado ao uso de mídias digitais para a elaboração da memória coletiva, foi sobre a relevância das grandes corporações do setor digital, no caso o Google e seu doodle sobre Paulo Freire, que também dividiu opiniões a partir de perspectivas políticas. Essa situação aponta, ainda, para uma das ambiguidades das “plataformas”, pois embora o termo queira indicar uma estrutura neutra na qual se inserem produções de outros agentes, o doodle em questão é um conteúdo elaborado pela própria empresa digital.

Por fim, quanto à última questão, sobre a construção de argumentos nos tuítes, percebe-se que as postagens favoráveis a Freire destacam positivamente sua obra e seu legado intelectual, bem como costumam responder de forma direta às críticas dirigidas ao educador. Por um lado, nesses tuítes, é recorrente a evocação de episódios de sua trajetória, bem como o recurso a conteúdos provenientes da mídia tradicional, mobilizados para sustentar a relevância histórica, a permanência e a atualidade de seu pensamento. Por outro lado, as publicações críticas a Freire, com frequência, se estruturam a partir de uma retórica marcada pelo tom de indignação e pela intenção de causar ultraje, empregando uma linguagem provocativa que busca deslegitimar sua memória e minimizar sua importância histórica, possivelmente como estratégia para suscitar reações emocionais e ampliar a visibilidade dessas mensagens no espaço da plataforma.

Apesar da existência de algumas tentativas de embasar as argumentações de forma mais aprofundada, prevaleceram exposições mais simples e, quando houve, um debate superficial. No entanto, reconhecendo as limitações deste artigo, fica evidente a oportunidade para pesquisas futuras explorarem de maneira mais aprofundada o material analisado, tanto textual quanto imagético, inclusive observando aquilo que já deixou de existir, sendo apagado pelas pessoas. Na verdade, uma característica desafiadora para a pesquisa de conteúdos da internet em geral e sobre a memória digital em particular é a forte tendência ao desaparecimento do que foi publicado. De acordo com estudo do Pew Research Center (Chapekis *et al.*, 2024), um quarto das páginas web criadas desaparece após uma década e quase um em cada cinco tuítes deixa de ser visível publicamente na plataforma apenas alguns meses após a publicação, pela conta que publicou o tuíte ter se tornado privada, suspensa ou excluída completamente ou pelo titular ter excluído a postagem mesmo sem apagar sua conta. Por outro lado, voltando a possíveis desdobramentos dessa pesquisa, também pode ser válido investigar outros recortes temporais e contextos dentro da rede digital X, que, agora sob a propriedade de Elon Musk, pode apresentar características favoráveis a grupos de direita.

A discussão no Twitter sobre ele, especialmente nas críticas direcionadas, reflete tendências mais amplas observadas em outros âmbitos da sociedade, marcadas por um movimento de oposição ao educador. Esse fenômeno tem sido objeto de pesquisas que analisam o atual contexto político-econômico em escala global e nacional, elencando aspectos dos pensamentos conservador, neoliberal e até fascista que buscam desacreditar o educador. Estudos como os de Beck e Santos (2022), Ferreira e Aveiro (2021), Godoi e Dimitrov (2022) e Ramos e Dutra (2020) evidenciam isso.

Conforme essas análises, o conservadorismo busca preservar o status quo, resistindo a transformações sociais significativas, enquanto o neoliberalismo orienta-se por uma perspectiva de Estado fraco, privilegiando o setor privado em detrimento do público e defende a lógica de mercado para diversas instâncias sociais, como a educação (Ramos; Dutra, 2020). Nesse contexto, a ideia de uma educação, como a freiriana, que propõe a formação de sujeitos críticos, reflexivos e atuantes sobre a realidade, por meio do diálogo e da cooperação, é incômoda. As postagens negativas refletem esse embate ideológico, buscando diminuir a importância e o legado do autor, numa tentativa de combater os princípios de uma educação voltada para a emancipação e o questionamento crítico da realidade.

A “aliança entre o conservadorismo moral e o ultraliberalismo econômico”, conforme descrito por Godoi e Dimitrov (2022, p. 323), manifesta-se no debate sobre relações de gênero e sexualidade nas escolas. A temática, chamada pejorativamente de “ideologia de gênero” por seus críticos, tem sido o foco de numerosos projetos de lei no Brasil na última década, visando à sua inclusão ou exclusão dos currículos. Essa questão, entre outras consideradas capazes de “destruir a família”, tem sido um ponto de mobilização conservadora, como indica a postura do então ministro da Educação. A crítica à suposta “geração Paulo Freire”, caracterizada negativamente em muitos tuítes como indisciplinada e militante, contrasta com a idealização de um passado em que se pressupõe a existência de um corpo estudantil mais dedicado e disciplinado. Essa narrativa se alinha com a tentativa de desvalorizar as metodologias educacionais que promovem o pensamento crítico e a conscientização social, substituindo-as por uma visão de educação autoritária e tradicional. Nesse contexto, a discussão sobre Paulo Freire e sua filosofia educacional transcende a questão pedagógica, inserindo-se em um debate mais amplo sobre os valores que devem orientar a educação e a organização social.

A narrativa que associa as ideias de Paulo Freire a “fins ideológicos, políticos e partidários” (Ferreira; Aveiro, 2021, p. 62) ou à “doutrinação sectária e de esquerda” (Beck; Santos, 2022, p. 18) tornou-se corriqueira e teve em Olavo de Carvalho um de seus primeiros e principais agentes de disseminação. Para criticar o educador, esse influenciador do bolsonarismo parte de ideias conspiratórias que carecem de análise rigorosa, utilizando distorções e até citações fraudulentas, como mostram Godoi e Dimitrov (2022). Assim, houve um trabalho político para a construção de um inimigo nacional baseado não na argumentação lógica e na crítica aprofundada, mas sim na ridicularização, no escárnio, no

insulto, caminho que prescinde de engajamento sério em debates, mas que se capilariza “rapidamente pelo tecido social” (Godoi; Dimitrov, 2022, p. 339). A disseminação dessas críticas nas redes sociais e o impacto delas na percepção pública sobre a educação e sobre a figura de Paulo Freire evidenciam a complexidade do debate educacional no Brasil.

Características desse discurso, que se encontram em parte dos tuítes críticos a Freire, podem ser associadas ao conceito de “conservadorismo radicalizado”, com o qual Strobl (2022) busca sintetizar uma transformação ocorrida em parte dos partidos e políticos de direita em anos recentes. Para a autora, essa mudança está relacionada às diferentes crises (econômica, financeira, sanitária etc.) do mundo contemporâneo que são magnificadas, projetadas como globais, por um cenário midiático em constante transformação e com forte influência das plataformas digitais. O “conservadorismo radicalizado”, que pode ser associado a políticos como Trump e Bolsonaro, é uma resposta a esse panorama, provocando transformações nos métodos de conduzir a política e a comunicação desse tipo. “Isso também significa que o poder político está se deslocando para redes e bolhas difusas. Comunidades e alianças on-line emergiram, algo que não seria possível sem as mídias sociais” (Strobl, 2022, p. 10, tradução nossa).

Esse novo conservadorismo adota as estratégias e a linguagem do populismo de direita ou do extremismo de direita moderno, apoiando-se fortemente na agitação e na polarização — o “nós” contra os “outros” — em vez do consenso. Dá, ainda, forte ênfase à *guerra cultural* que opõe diferentes grupos sociais, atravessando uma miríade de temas. Geralmente a esquerda e os liberais são os alvos da superexcitação crítica dos conservadores radicalizados, que buscam tornar os ânimos sociais cada vez mais extremos. Segundo Strobl (2022), os atores do conservadorismo radicalizado tendem a cultivar não apenas militantes e seguidores, mas fãs entusiasmados, pessoas que passam a acreditar e a apoiar discursos, “realidades alternativas” e mesmo teorias de conspiração inacessíveis a um discurso político-midiático crítico e multifacetado. Além disso, tentam transformar os adversários políticos em inimigos, caracterizados, de maneira simplista e esquemática, como perigosos. Nesse sentido, a oposição a Paulo Freire é, claramente, esperada. Há, portanto, a dificuldade em estabelecer uma memória coletiva robusta sobre Paulo Freire no Brasil, o que se relaciona ao cenário de antagonismos políticos que marcam as discussões sobre o educador. Isso impede um consenso sobre o legado de Freire, com as discussões frequentemente sendo reduzidas a disputas ideológicas ou envolvendo narrativas fantasiosas, em vez de debates sobre suas contribuições à educação. Nesse sentido, o estudo de Busón Buesa (2020) ilustra bem essa dinâmica, ao analisar as reações e comentários, entre os anos de 2007 e 2019, a um vídeo do YouTube que apresenta uma entrevista com Paulo Freire. As avaliações negativas ao vídeo, que culminaram em um pico de “não gosto” em 2018 (ano das altamente polarizadas eleições presidenciais ocorridas no Brasil), refletem não apenas as opiniões sobre as ideias de Freire, mas a influência de acontecimentos políticos no país.

Os resultados desse estudo, assim como os deste artigo, mostram como a memória e o significado contemporâneo de Freire no Brasil estão imersos na “polarização afetiva” (Iyengar *et al.*, 2019) e na “polarização perniciosa” (McCoy; Somer, 2019). A primeira refere-se à diferenciação política ancorada mais em afetos e identidades do que em discordâncias sobre políticas e propostas substantivas. Alguns pesquisadores defendem que elementos estruturais das plataformas de mídias sociais — como a interpenetração entre conteúdos sociais e políticos, a presença constante de mecanismos de retorno e validação social, a facilidade de identificar o posicionamento político de outros usuários e os estímulos à produção de mensagens sensacionalistas ou provocativas para capturar atenção — exercem influência direta sobre o grau geral de polarização desses ambientes. “O mecanismo por trás desses efeitos é que essas características facilitam o tipo de processos psicológicos subjacentes à polarização afetiva: o reforço das identidades sociais e políticas, em combinação com o processamento tendencioso de informações pelos cidadãos” (Barberá, 2020, p. 46, tradução nossa).

Já a polarização perniciosa destaca, justamente, a transformação de identidades políticas em identidades sociais rígidas, que dividem a sociedade em grupos opostos e hostis de “nós” contra “eles”. Ao discutir a polarização perniciosa no Brasil, Vrydagh e Jiménez-Martínez (2021) notam que a política, especialmente entre os apoiadores radicalizados de Bolsonaro, passou a ser marcada “pelo purismo e paixões que levam a argumentos de comigo ou contra mim, deixando espaço muito limitado para o acordo e a negociação” (Vrydagh; Jiménez-Martínez, 2021, p. 225). Nesse ambiente, a figura de Paulo Freire se torna um ponto de contenda, simbolizando profundas divergências não apenas educacionais, mas ideológicas e políticas no Brasil.

Referências

ALVES, B. J. Paulo Freire Contemporâneo: sob as lentes de um documentário. *e-Mosaicos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 13, p. 196-200, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2017.31369>. Acesso em: 20 dez. 2025.

ANTHONY, L. *AntConc* [Software]. Version 4.2.4. Tóquio: Waseda University, 2023. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BARBERÁ, P. Social media, echo chambers, and political polarization. In: PERSILY, N.; TUCKER, J. A. (ed.). *Social media and democracy: the state of the field, prospects for reform*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 34-55.

BASTIAN, M.; HEYMANN, S.; JACOMY, M. Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks. In: Proceedings of the international AAAI conference on web and social media, San Jose, CA. [Anais]. San Jose, CA: AAAI, 2009. p. 361-362.

BECK, D. F.; SANTOS, R. B. dos. O conflito do neoconservadorismo brasileiro com Paulo Freire: A disputa entre a opressão e a autonomia. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 60, e14824, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n60.14824>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BIRKNER, T.; DONK, A. Collective memory and social media: fostering a new historical consciousness in the digital age? *Memory Studies*, [s. l.], v. 13, n. 4, p. 367-383, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750698017750012>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRUNS, A.; BURGESS, J. Twitter hashtags from ad hoc to calculated publics. In: RAMBUKANA, N. (ed.). *Hashtag publics: the power and politics of discursive networks*. New York: Peter Lang, 2015. p. 13-28.

BUSÓN BUESA, C. La minería de opinión para el análisis del discurso de odio en las redes sociales: un estudio de caso sobre Paulo Freire en YouTube durante el periodo 2007-2019. *Commons. Revista de Comunicación y Ciudadanía Digital*, Cádiz, v. 9, n. 1, p. 119-159, 2020. Disponível em: <https://revistas.uca.es/index.php/cayp/article/view/5482>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CAMIOTTO, G. Rodrigo Constantino tem todos perfis suspensos nas redes sociais. *Terra*, [s. l.], 14 jun. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/42m0x4d>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CHAPEKIS, A.; BESTVATER, S.; REMY, E.; RIVERO, G. When online content disappears. [S. l.]: Pew Research Center, May 2024. Disponível em: https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/20/2024/05/pl_2024.05.17_link-rot_report.pdf. Acesso em: 20 dez. 2025.

CUNHA, J. Herdeiro da Riachuelo revela cansaço com política e fundador da Localiza some do Twitter. *Acesso.com*, [s. l.], 20 dez. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Oolm99>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ERLL, A. Cultural memory studies: an introduction. In: ERLL, A.; NÜNNING, A. (ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlim: De Gruyter, 2008. p. 1-17.

FELINTO, E. "Nenhum Brasil Existe": atmosferas conspiratórias e cosmovisão reacionária nos documentários da Brasil Paralelo. *Significação*, São Paulo, v. 50, p. 1-13, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2023.208380>. Acesso em: 20 dez. 2025.

FERREIRA, R. de F.; AVEIRO, J. F. H. Da autonomia ao aprisionamento: a faceta conservadora e os ataques ao patrono da educação brasileira. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 67, p. 56-71, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/teias.2021.62056>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FIORI, J.; ARANTES, P. F. Brazil's cultural battleground: public universities and the new right. *Latin American Perspectives*, [s. l.], v. 50, n. 1, p. 197-217, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0094582X221147594>. Acesso em: 20 dez. 2025.

GADOTTI, M. The global impact of Freire's pedagogy. *New Directions for Evaluation*, [s. l.], n. 155, p. 17-30, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ev.20253>. Acesso em: 20 jun. 2024.

GARDE-HANSEN, J. *Media and memory*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2011.

GILLESPIE, T. The politics of 'platforms'. *New Media & Society*, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1461444809342738>. Acesso em: 20 dez. 2025.

GODOI, R.; DIMITROV, E. A construção de Paulo Freire como inimigo nacional. *Políticas Culturais em Revista*, Salvador, v. 15, n. 1, p. 315-343, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/pcr.v15i1.47378>. Acesso em: 20 jun. 2024.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOSKINS, A. Anachronisms of media, anachronisms of memory: from collective memory to a new memory ecology. In: NEIGER, M.; O. MEYERS, O.; ZANDBERG, E. (ed.). *On media memory: collective memory in a new media age*. Londres: Palgrave Macmillan, 2011. p. 278-288.

HOSKINS, A. AI and memory. *Memory, Mind & Media*, Cambridge, v. 3, e18, 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.1017/mem.2024.16>. Acesso em: 10 out. 2024.

IYENGAR, S.; LELKES, Y.; LEVENDUSKY, M.; MALHOTRA, N.; WESTWOOD, S. J. The origins and consequences of affective polarization in the United States. *Annual Review of Political Science*, San Mateo, v. 22, p. 129-146, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-051117-073034>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LIMA, C. Bolsonaro insiste em cálculo bizarro de crescimento de 9% do PIB. *DCM*, [s. l.], 20 set. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Ou0zBr>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LUZ, Y. Youtuber bolsonarista Paula Marisa também teve redes bloqueadas; veja lista completa. *DCM*, [s. l.], 14 jan. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3Ovn6O1>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MARETTI, E. Bolsonarismo viola lei e impulsiona site e rede de “fake news” no Twitter. *Rede Brasil Atual*, [s. l.], 7 out. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3OqMLr2>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MCCOY, J.; SOMER, M. Toward a theory of pernicious polarization and how it harms democracies: comparative evidence and possible remedies. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, [s. l.], v. 681, n. 1, p. 234-271, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0002716218818782>. Acesso em: 20 jun. 2024.

NEIGER, M. Theorizing media memory: six elements defining the role of the media in shaping collective memory in the digital age. *Sociology Compass*, [s. l.], v. 14, n. 5, e12782, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/soc4.12782>. Acesso em: 20 jun. 2024.

O’CONNOR, P. The unanchored past: three modes of collective memory. *Memory Studies*, [s. l.], v. 15, n. 4, p. 634-649, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750698019894694>. Acesso em: 20 jun. 2024.

OLICK, J. K. Collective memory: the two cultures. *Sociological Theory*, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 333-348, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/0735-2751.00083>. Acesso em: 20 jun. 2024.

RAMOS, N. V.; DUTRA, M. R. P. O legado de Paulo Freire à onda neoconservadora: resistência na práxis. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 55, p. 1-19, e15775, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n55.15775>. Acesso em: 20 jun. 2024.

RICHARDSON-LITTLE, N.; MERRILL, S. Who is the Volk? PEGIDA and the contested memory of 1989 on social media. In: MERRILL, S.; KEIGHTKKEY, E.; DAPHI, P. (ed.). *Social movements, cultural memory and digital media: mobilising mediated remembrance*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2020. p. 59-84.

RICHARDSON-LITTLE, N.; MERRILL, S.; ARLAUD, L. Far-right anniversary politics and social media: the Alternative for Germany’s contestation of the East German past on Twitter. *Memory Studies*, [s. l.], v. 15, n. 6, p. 1360-1377, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/17506980221133518>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ROMANCINI, R. “Vamos tirar a educação do vermelho”: o Escola Sem Partido nas redes digitais. *E-compós*, Brasília, v. 21, n. 1, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.1474>. Acesso em: 20 dez. 2025.

SOUZA, T. de. Justiça proíbe governo federal de “atentar contra dignidade” de Paulo Freire. *Correio Braziliense*, Brasília, 17 set. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3yBfdy6>. Acesso em: 20 jun. 2024.

STROBL, N. *La nueva derecha: un análisis del conservadurismo radicalizado*. Buenos Aires: Katz Editores, 2022.

TABLEAU SOFTWARE. *Tableau Desktop* [Software]. Versão 2024.1. San Francisco: Salesforce, 2024. Disponível em: <https://www.tableau.com>. Acesso em: 20 jun. 2024.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. *The platform society*: New York: Oxford University Press, 2018.

VRYDAGH, F.; JIMÉNEZ-MARTÍNEZ, C. Conversando com a direita: polarização perniciosa no Brasil e a filosofia de Paulo Freire. *MATRIZES*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 223-243, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i3p223-243>. Acesso em: 20 jun. 2024.

WAISBORD, S. Why Paulo Freire is a threat for right-wing populism: lessons for communication of hope. *International Communication Gazette*, [s. l.], v. 82, n. 5, p. 440-455, August 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1748048520943694>. Acesso em: 20 dez. 2025.

WASILEWSKI, K. US alt-right media and the creation of the counter-collective memory. *Journal of Alternative & Community Media*, Bristol, v. 4, n. 1, p. 77-91, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1386/joacm_00044_1. Acesso em: 20 jun. 2024.

WILLIAMS, M. L.; BURNAP, P.; SLOAN, L. Towards an ethical framework for publishing Twitter data in social research: taking into account users' views, online context and algorithmic estimation. *Sociology*, [s. l.], v. 51, n. 6, p. 1149-1168, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0038038517708140>. Acesso em: 20 jun. 2024.

WODAK, R. The discourse-historical approach. In: WODAK, R.; MEYER, M. (ed.). *Methods of critical discourse analysis*. [S. l.]: SAGE Publications, 2001. p. 63-94.

Abstract

Paulo Freire's centennial on the Twitter platform: memory and meanings

How was the Brazilian educator Paulo Freire referred to in posts on the Twitter platform during the week commemorating the centenary of his birth? This article relates the answer to this question to a discussion about the role of the media in the formation of social memories. The analysis of the material reveals that political antagonisms in society are reflected in the posts analyzed on the platform, thereby precluding the formation of a common collective memory of Freire in Brazil. It was found that in addition to posts commemorating the anniversary and highlighting positive value of Freire's ideas (66.3%), a considerable proportion of critical remarks (32.2%) invoke him as one of the causes of Brazil's educational problems.

Keywords: Paulo Freire; memory; collective memory; social media; Twitter.

Resumen

El centenario de Paulo Freire en la plataforma Twitter: memoria y significados

¿Cómo se mencionó al educador brasileño Paulo Freire en las publicaciones de la plataforma Twitter durante la semana del centenario de su nacimiento? La respuesta a esta pregunta se articula, en este artículo, con el debate sobre el papel de los medios de comunicación en la construcción de las memorias sociales. El análisis del material pone de manifiesto cómo los antagonismos políticos de la sociedad se reflejan en estas publicaciones, lo que impide la constitución de una memoria colectiva común sobre Freire en Brasil. Se constata, así, que, junto a las publicaciones que conmemoran el centenario y destacan el valor positivo de las ideas freirianas (66,3%), existe un porcentaje significativo de comentarios críticos (32,2%), en los que se le señala como uno de los responsables de los problemas educativos brasileños.

Palabras clave: Paulo Freire; memoria; memoria colectiva; redes sociales; Twitter.

Résumé

Le centenaire de Paulo Freire sur la plateforme Twitter : mémoire et significations

Comment l'éducateur brésilien Paulo Freire a-t-il été évoqué dans les publications diffusées sur la plateforme Twitter au cours de la semaine marquant le centenaire de sa naissance ? La réponse à

cette question s'inscrit dans une réflexion sur le rôle des médias dans l'élaboration des mémoires sociales. L'analyse du corpus met en évidence la manière dont les antagonismes politiques de la société se reflètent dans ces publications, empêchant la constitution d'une mémoire collective commune de Freire au Brésil. On constate ainsi qu'à côté de publications commémorant le centenaire et soulignant la valeur positive des idées freiriennes (66,3%), il existe une proportion significative de commentaires critiques (32,2%), dans lesquels il est présenté comme l'un des responsables des problèmes de l'éducation brésilienne.

Mots-clés: Paulo Freire; mémoire; mémoire collective; médias sociaux; Twitter.

Artigo submetido à publicação em 11 de dezembro de 2024.

Versão final aprovada em 01 de junho de 2026.

Editora Associada: Fabíola Brigante Del Porto 

Editora-Chefe: Rachel Meneguello 

